

## **O brincar no bebé**

Eduardo Sá

Lia Marques

### **1.**

Sempre que reparamos na forma como as crianças brincam, é tocante a seriedade com que o fazem e o jeito - quase infatigável - como se entregam ao seu brincar. É claro que, de forma intuitiva, percebemos que o brincar lhes faz bem. Mas talvez paremos pouco para nos perguntarmos porquê. Porque as distrai? Porque as estimula? Porque as diverte? Afinal, porque é que brincam as crianças? E, já agora - porque vivemos num mundo onde o brincar é, cada vez mais, uma actividade de fim de semana; parece estar, na vida delas, perigosamente, "à beira da extinção"; e é vivido como o "líder da oposição" em relação à aprendizagem e à escola - para que serve o brincar?

Brincar é aprender. Na verdade, sempre que uma criança brinca corresponde à curiosidade. Aproxima-se. Toca. Mexe. Desmancha. Reconstrói. Liga. Intui. Compreende. Abstrai. Extrapola. Compõe. Dispõe. Pesquisa. Pensa. Recria. E aprende. Isto é: isola, da realidade à volta dela, um conjunto de factores que a estimulam; relaciona-os entre si e sintetiza aquilo que os liga; observa, interpreta e compreende; coloca hipóteses e testa-as, em simultâneo; experimenta-as e experimenta-se nelas; formula um problema; deduz; resolve o problema; transforma competências em recursos; conhece; e habilita-se para conhecimentos de complexidade crescente. Mais tarde, através da experimentação, voltará a testar o raciocínio lógico numa infinidade de combinações que a levam a ligar aquilo que conhece, aquilo que vive e aquilo que sente em equações de síntese com as quais pensa mais, pensa melhor e pensa, sobretudo, de forma mais simples, mais acutilante e mais eficaz. Brincar liga complexidade com simplicidade. Sensibilidade com proatividade. Versatilidade com criatividade. E liga corpo, pensamento, vida e mundo. E sempre que liga tudo isto a mais pessoas, exige mais síntese; mais competência para desconstruir a intuição, as imagens e os símbolos em palavras; mais comunicação; e mais destreza para compatibilizar co-mover, con-viver e intencionalidade empreendedora. Haverá, então, alguma actividade escolar que, atendendo aos métodos tradicionais de ensino e aos conteúdos que a escola traz às crianças, seja tão didáctica e compreensível como o brincar, e que lhes faça uma ponte tão esclarecedora para o mundo à sua volta e para o seu dia-a-dia? Não! Ou seja: brincar é mais importante do que a escola! Se ligarmos brincar e escola mudamos o mundo. Desligando o conhecimento do brincar, compromete-se a aprendizagem.

## 2.

O brincar nas crianças parece ser, ainda, tão desconsiderado, o brincar no bebê nunca se discute. Ora, os bebês utilizam o brincar com a mesma intencionalidade que ele tem nas crianças. Os bebês passam grande parte dos seus primeiros meses a observar. É um observar atento, através do qual estabelecem relações de causa e efeito. Na verdade, eles educam o olhar. Começando pela forma como observam e "escutam" o olhar da mãe. Em tempo real, esperam que ela os leia. Lêem-na, em simultâneo. Para que leiam o mundo, a partir dos olhos dela, de seguida. Assim a mãe adequa expressões, gestos e sons aquilo que ele intui, validando o seu conhecimento e expandindo-o para além do seu olhar. Que é, logo de seguida, dirigido para o interior da sua cabeça. Isto é, a curiosidade do bebê transforma-se em capacidade de exploração a partir da forma como, agora, passa do olhar ao dedo indicador e o dirige aos olhos da mãe, ao interior da sua boca, do nariz e das orelhas maternas. Para que, indo do dentro para o fora do colo, passe a explorar o interior das tomadas ou o interior das gavetas e dos armários. Surge, então, o primeiro "braço de ferro" com a mãe. "Não!", diz a mãe, de forma firme e "seca", com um olhar fixo, centrado nos olhos do bebê. Ele testa-a, olhando-a, com surpresa. Para que, depois, esboce um olhar rasgado e projecte o rosto sobre o seu ombro, tentando seduzi-la.

Antes disso, foi o bebê experimentando, com uma paciência e uma tenacidade incansáveis, a elevação do pescoço. A rotação do corpo. A coordenação das relações do olho com a mão. E a articulação entre tonicidade, equilíbrio e movimento. Entretanto, foi desafiado para movimentos mais súbitos, mais ruidosos e, sobretudo, mais intimidantes, como as cócegas. Às quais não reage, num primeiro momento, de forma tão sintónica como a mãe desejaria. Para que, depois, sorria. Se ria, logo a seguir. E, finalmente, gargalhe. Transformando aquilo que seria medo num jogo lúdico de aproximação e de vínculo. Ao mesmo tempo, já o bebê reage a expressões visuais, discriminando o bem e o mal, escolhe o bonito em prejuízo do feio, prefere os objectos fofos e calorosos (que representam muitas das qualidades maternas, na ausência da mãe) aos objectos angulosos, e as cores quentes e mornas às frias. Manuseia cubos ou cilindros que se contêm uns aos outros e - de forma aleatória, primeiro, mas dum jeito metódico, logo a seguir - contém os mais pequenos nos pequenos que, por sua vez, são contidos nos cubos médios que, numa sequência lógica, acabam por ser contidos nos maiores. Será uma espécie de parábola da sua relação familiar que ele transforma em exercícios de classificação, de sequências lógicas e de seriação.

Pelo meio, tenta perceber até onde vai a sua importância, à medida que joga os objectos para chão, e os observa, depois de caírem (como quem articula raciocínios e ilações) e espera que lhe devolvam, transformando uma descoberta ocasional num jogo, primeiro, e, depois, numa espécie de onipotência atrevida que aguarda os sinais maternos para que aprenda a regra e os limites.

No entanto, as "turras" (jogando a sua testa sobre a testa da mãe ou a do pai) são uma forma de se aproximar de quem gosta, de forma súbita e descoordenada (às vezes, quase intimidante) e, depois, dum modo mais contido e equilibrado, ligando agressividade e ternura, e

retirando daí ritmos relacionais que consolidam, ao pormenor, o perímetro e a singularidade da relação. Que, logo depois, se redefine na forma como derruba as torres de cubos que os pais constroem, para que as reconstruam e as derrube uma e outra vezes e, assim, se assegure do lado inofensivo dos seus gestos mais agressivos e das competências reparadoras dos pais para conviverem com eles. Para que, a seguir, se inicie no jogo da presença e da ausência ("Não tató o bebé... Tatá!!!) que, de forma repetitiva, introduz, num jeito lúdico, o afastamento de quem é precioso para ele e traz, com espanto e com surpresa, o seu regresso, que ele, a seguir, reproduz. Quando um bebé brinca nada se faz ao acaso. O brincar do bebé liga ritmos, regras e rotinas. Conhece. Experimenta. Desafia medos e limitações. Liga. E estabiliza redes nervosas que, quando mais estimuladas forem, de forma coerente e constante, mais passam a ser o "software" a partir do qual ele cresce e conhece. Também no bebé, brincar é aprender. Assim ele possa, com a mesma tenacidade e de forma infatigável, para sempre, brincar.

### 3.

Em função de todos estes considerandos, tentámos investigar de que forma os pais perspectivam o brincar do bebé dos 0 aos 4 anos. Elaborámos, para o efeito, um questionário que foi aplicado a 838 pais e mães, numa amostra de conveniência de todo o país, relativa a famílias com 1 criança (famílias nucleares para estas crianças).

É curioso observar a forma como, depois dos pais se adaptarem aos ritmos dos bebés - através de regras e rotinas - a forma como não permitem à criança o brincar descontraído das regras, dos ritmos, das rotinas da criança e das da própria relação).

49,5% mães e 71,2% dos pais brincam 10 minutos a um 1 um dia por semana (contando a desejabilidade social de algumas respostas é expectável que este intervalo de tempo seja menor!!!). Que consequências tem para o desenvolvimento do bebé esta ausência da mãe e, sobretudo, do pai em relação ao brincar? Pode o brincar ser um exercício, tendencialmente, solitário?

Os pais não imaginam a mais-valia do brincar! E, muitíssimo menos, a mais-valia do brincar no bebé! - para 69,4% destes pais brincar é uma forma de estimular a imaginação das crianças e 3% vêem-no como uma forma de passar o tempo. Grande parte destas crianças (95,8%) está confiada a cuidadores (creches, berçários e jardim de infância) e 72,2% passa mais de 5 horas por dia com eles. Se atentarmos que, na esmagadora maioria das creches, dos berçários e dos infantários as crianças estão mais entregues a si próprias do que deviam, e se quando o fazem as relações que emergem numa relação dessas não será exclusiva e dual, então é legítimo afirmar que as crianças entre os 0 e os 4 anos não brincam!!!!!!! Corpo, pensamento, curiosidade, capacidade de exploração, capacidade de ensaio, erro e tolerância à frustração, sínteses em tempo real.

Que importância tem a experiência de brincar dos pais, enquanto filhos, na forma como (não) brincam com os filhos bebés?

53,6% referem a felicidade das crianças quando brincam;

Suporte social: os pais achariam;

Brinquem livremente ou praticar actividades (48% desta amostra entre os 0 e os 4 anos já têm actividades).

A maioria das crianças está mais de 5 horas em algum suporte social, e calculando que podem demorar 2 horas nos transportes, nas grandes cidades, entre casa e o sítio onde vão permanecer durante o dia, conclui-se que em geral as crianças passam pelo menos 7 horas fora de casa. Calculando ainda que durmam 8 horas percebemos que num dia acabam por passar 15 horas sem estar efetivamente com os pais.

\* A partir da dissertação de Mestrado: O brincar no bebé. Lia Marques, BabyLab da Universidade de Coimbra, 2017.